



Instituto Superior de Psicologia Aplicada
em associação com
Centro Cultural de Matalana

MALANGATANA



VINTE E QUATRO
POEMAS

ISPA

Lançamento do livro

Vinte e Quatro Poemas de Malangatana

Lisboa, 2 de Março de 1996

M A L A N G A T A N A

Em 2 de Março de 1996 realizou-se no ISPA o lançamento do livro **"Vinte e Quatro Poemas de Malangatana"**, da autoria do conhecido artista moçambicano.

Através deste número especial, o Boletim Informativo do ISPA quis também associar-se à homenagem a este autêntico embaixador cultural de Moçambique que é **Malangatana**, não só para dar conta do importante acontecimento que foi presidido pelo então **Presidente da República, Dr. Mário Soares** mas também porque foi celebrado um *protocolo de colaboração* entre o ISPA e o **Centro Cultural de Matalana**, da direcção do qual Malangatana faz parte e que é uma associação cultu-



O Director do ISPA, Prof. Doutor Frederico Pereira, recebendo o Dr. Mário Soares

importante associação cultural de um país africano de língua oficial portuguesa como é Moçambique, promovido pelo **Director do ISPA, Prof.**

em que o formando é visto como um indivíduo global, dotado não apenas de competências de base mas também de raízes culturais e históricas, que determinam a forma como essas competências evoluem e sobre-determinam os processos de activação do desenvolvimento educativo, profissional e da saúde", como aliás ficou consagrado no protocolo assinado com o Centro Cultural de Matalana.



O Dr. Mário Soares com Malangatana

ral que desenvolve actividades nas áreas do ensino primário, formação profissional e artística e desenvolvimento educativo e sanitário, entre outras. A existência deste projecto de cooperação internacional entre uma instituição de ensino superior particular e cooperativo como é o ISPA e uma

Doutor Frederico Pereira, mostra bem a importância que o ISPA confere aos contextos culturais, à cooperação internacional e, também, à ideia de que *"os interesses e orientações científicas e técnicas transcendem a esfera das meras tecnologias de ensino e de formação e inserem-se numa perspectiva*

Totalmente dedicado ao lançamento do livro de Malangatana, incluímos neste número especial do Boletim Informativo uma reportagem alargada sobre a sessão solene do lançamento dos **"Vinte e Quatro Poemas de Malangatana"**, uma informação sobre o que é o Centro Cultural de Matalana e as actividades que desenvolve, uma cronologia biográfica do pintor moçambicano, o texto do protocolo assinado com o ISPA e, finalmente, alguns dos poemas do livro agora publicado.

O lançamento do livro "Vinte e Quatro Poemas de Malangatana" realizou-se no Auditório Professor Armando de Castro, numa sessão que foi presidida pelo então **Presidente da República, Dr. Mário Soares** e que contou com assistência numerosa, entre membros do Governo, convidados do autor e docentes do ISPA. Entre outros, estiveram presentes o Ministro da Administração Interna, Dr. Alberto Costa, a Secretária de Estado da Educação e Inovação, Profª Doutora Ana Benavente, a Dra. Luísa Guterres e a Dra. Maria João Seixas, entre outras personalidades.

Nesta sessão usaram da palavra o Presidente da Direcção da Cooperativa ISPA-CRL, o Director do ISPA, a Senhora D. Dorothy Guedes, Malangatana e o Dr. Mário Soares, cujas intervenções agora publicamos. Vários poemas do livro de Malangatana foram lidos pelos actores Maria do Céu Guerra e João D'Ávila.

**Alocução de abertura do
Sr. Carlos Pratas
Presidente da Direcção da
Cooperativa ISPA-CRL**

Exmo. Senhor Presidente da República, Dr. Mário Soares, Exmo. Senhor Director do ISPA, Prof. Doutor Frederico Pereira Exma. Senhora, D. Dorothy Guedes
Caríssimo Malangatana
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Em nome da Direcção da Cooperativa instituidora desta escola manifesto um agradecimento especial a V. Exa. Sr. Presidente da República, que muito nos honra com a sua presença, não só como figura máxima do Estado, mas também como humanista e homem de cultura.

A todos os convidados expresso também os nossos agradecimentos pela vossa presença.

O lançamento de um livro normalmente não é acompanhado de uma cerimónia tão formal, como a que hoje nos reúne aqui. Este acento numa relativa formalidade resulta da nossa intenção de com ela prestarmos também uma homenagem, ainda que simples, a Malangatana.



Malangatana entrou nesta instituição quando no ano passado participou num atelier, com a fabricação de uma palhota sagrada construída com os painéis que se encontram agora expostos neste auditório.

Malangatana entrou aqui e trouxe consigo a sua arte, a sua cultura, os seus sonhos, os seus projectos e a sua enorme capacidade de criar laços e unir vontades, tendo por fundo um permanente e contagiante optimismo.

Dos nossos encontros nasceu um compromisso de desenvolver iniciativas conjuntas nos planos da cultura e da educação, tendo sempre como referência o projecto do Centro Cultural de Matalana.

Quando de seguida fomos ao seu encontro em Matalana, demo-nos conta da nobreza e do valor desse projecto que era erguer o Centro Cultural de Matalana, um projecto modelar de formação integral do ser humano nas suas facetas educativas, artísticas e profissionais, mas todas integradas e enraizadas na cultura tradicional, que as harmoniza e as perspectiva.

Em Matalana demo-nos conta igualmente do enorme potencial humano e artístico de toda uma geração, que para além do próprio Malangatana, cujos méritos me dispense aqui ilustrar, conta com homens como:

Lindo Hlongo, criador teatral, que viu recente-

mente algumas das suas peças serem publicadas.

Filipe Maxiñana, que está a desenvolver um trabalho de recolha de cantos tradicionais.

Oblino Mabyaya, cantor e escultor, que brevemente virá até junto de nós, trabalhar e expor.

Matalana é para além disso um exemplo de heroísmo e persistência: no passado defrontando um regime colonial, que ofendia os direitos humanos mais elementares e policiava o pensamento e as consciências; e, recentemente defrontando a escassez de meios e os traumatismos de uma guerra devastadora.

A assinatura de um protocolo entre o ISPA e o Centro Cultural de Matalana foi o início desse projecto comum, que é continuado com o lançamento deste livro de poemas de Malangatana.

A perspectiva do ISPA não é a de participar neste projecto ajudando do lado de fora, mas de cooperar do lado de dentro, numa dinâmica de compromissos e aprendizagens recíprocas.

Malangatana, para além da sua inquestionável estatura como artista plástico, é um elo muito importante nesta cadeia de ligação entre culturas, saberes e afectos e é, também, esta faceta da sua personalidade, que nós pretendemos hoje sublinhar e homenagear.

**Discurso do Prof. Doutor
Frederico Pereira
Director do ISPA**

Exmos. Senhores,

Em primeiro lugar, em meu nome pessoal e em nome desta Escola, quero apresentar os meus cumprimentos a S. Exa. o Sr. Presidente da República, Dr. Mário Soares, que nos honra – não pela primeira vez – com a sua presença numa das nossas iniciativas.

Quero também apresentar os nossos cumprimentos aos senhores *membros do Governo* aqui presentes, ao Sr. *Cônsul de Moçambique*, ao Dr. *João Soares*, agora aqui representado, à Sra. *D. Luísa Guterres*, e a todos os convidados, – assim como à Sra. *D. Dorothy Guedes*, que ao longo de anos recolheu os poemas que agora publicamos.

A Malangatana e ao Sr. Presidente desta Cooperativa não apresento cumprimentos, porque os nossos cumprimentos foram dados há muito tempo e de uma vez por todas.

A vossa presença hoje aqui honra-nos, dá-nos um grande prazer, e é com grande gosto que a todos acolhemos.

Peço desculpa, ou melhor não peço desculpa, *digo apenas que temos consciência da pobreza destes espaços* – mas, como dizia Oliveira Martins, "antes pobres com ideias e carácter, do que chatins vulgares e dinheirosos".

(Claro que ideal seria "com ideias", "carácter" e riqueza, mas os quase 40 anos de vida desta instituição já nos ensinaram que na vida nem sempre se pode ter tudo...).

Em segundo lugar, boas

notícias: não vou fazer nenhuma longa palestra sobre Malangatana, poeta e pintor.

Vou apenas tecer algumas considerações em redor de um quadrângulo cujos vértices podem parecer, à primeira vista, difíceis de articular: Malangatana-pintor, Malangatana-poeta, Matalana e esta instituição de ensino superior.

Começando pelo último vértice:



Esta Escola é uma Escola de psicólogos, é certo. Mas não entende os psicólogos como meros técnicos: entendê-los-á mais como *artífices*, pessoas ligadas às *práticas humanas*, à sua *dinâmica social* e ao seu *envolvimento cultural*.

Qualquer Psicologia que se preze é para nós, de facto, uma ciência enraizada no tecido social e nas Culturas no interior das quais labora.

Por isso temo-nos esforçando por estar atentos a esses movimentos da Sociedade e da Cultura – por isso também editamos livros de poemas, o que, afinal, é a mais natural das coisas...

Foi com este espírito que organizámos há quase um ano o *I Congresso Europeu*

de Antropologia Literária, que o Sr. Presidente da República honrou também com a sua presença.

Nesse Congresso organizámos espaços destinados à Cultura Africana e à Cultura Árabe, convencidos que estamos que só na *diferenciação-contacto-cooperação* as culturas constroem e afirmam a sua identidade, no interior de um referencial humanístico e universalista.

E então convidámos Malangatana a estar entre nós. E assim aconteceu *isso* de extraordinário que foi a mesa-redonda sobre *Cultura Africana, Literatura e Artes*, e *isso* de mais fantástico ainda que foi a construção, nesta mesma sala, de uma *palhota sagrada*, com objectos rituais, com colmo, com paredes constituídas pelos painéis que estão ali expostos e que, para além do mais, marcam a vocação intercultural deste Instituto.

Malangatana esteve entre nós e viu e, mais do que ver, *sentiu* este espaço no qual intuiu alguma *singularidade*. *Esta singularidade fez nele eco*.

E fez eco porque fez eco,

mas também fez eco porque sentiu uma instituição universitária que, como disse, não se vê como uma fábrica de técnicos mas antes como um espaço plurifacetado aberto à intercultura.

Pouco depois Malangatana convidá-va-nos a deslocarmo-nos a Maputo, e em particular a Matalana, onde desde há muitos anos se anima o projecto de um Centro Cultural – de tal maneira que faz pensar que *lá* como *cá* há quem assuma, como 11º Mandamento: "Não desistirás"...

Aí fomos, aí encontrámos os matalanenses, aí convivemos com Lindo Hlongo, escritor e homem de teatro, Oblino Magaia, escultor, Filipe Maxiyan, músico e outros animadores do Centro Cultural, como Gonçalves Honwana, Chaplino Ngwenya, Alexandre Ngwenya, e também Júlio Navarro e António Quelhas.

Aí vimos *escola, professor, crianças* (e *jovens e adultos e velhos* em redor de um ideário comum), aí fomos conduzidos a imaginar museus e espaços de formação, ouvimos corais e assistimos a admiráveis "perorações" de Malangatana às crianças, plantámos árvores que são daquelas que não têm nome em português (nem – muito menos! – em inglês), e também construímos ideias sobre *espaços potentes de aprendizagem e desenvolvimento*.

Onde estivemos nós, quando estivemos em Matalana? Estivemos num espaço especial, que é o espaço entre o sonho e a realidade. E não há espaço mais importante do que este.

É que uma realidade que não está animada pelo sonho não é uma realidade real, é um hiperreal feito de superfícies – apenas – superfícies, de imagens sem imaginário, sem volumetria,

sem nada por detrás no espaço, e sem nada para a frente no tempo.

O Centro Cultural de Matalana é uma *coisa de realidade* justamente porque nele circula o imaginário.

E foi essa coisa de realidade que lá descobrimos. Foi por essa coisa de realidade que nos apaixonámos – como, aprofundando dele o conhecimento, por Malangatana viemos a apaixonar-nos também.

Entre Matalana e Malangatana (e os outros) a ligação é aliás tão densa, que por vezes ao querer falar de um falávamos de outra, e reciprocamente!

Há de facto entre Matalana e Malangatana uma tão grande proximidade que os mitos, as histórias, os objectos imaginários de um são os mitos, as histórias, os objectos imaginários de outro.

Trata-se de Subjectividades que se enraizaram no Solo Originário da Grande Cultura, da Cultura-Mãe, da cultura que protege contra aflições individuais e pesadelos.

Cultura, claro, que não é um a propósito para conversa de salão: *Cultura que é corpo* ("com os próprios corpos os artistas pintam no fundo da parede de caniço",

diz polissemicamente o poeta); *cultura que é alma* – e que com a alma e com o corpo confunde.

E é esta relação tão estreita entre o corpo, a alma e a cultura originária que faz também a especificidade e a universidade de Malangatana.

Não é sonhos que os seus quadros pintam. Pelo contrário, quase diria: é dos seus sonhos idiosincráticos que a pintura o protege. *Protege transformando* o material inquietante do sonho em material psicologicamente gerível, oferecido pelas raízes culturais.

É por isso, penso eu que no assunto não sou especialista, que a pintura de Malangatana foge a *espaços intersticiais*. É que pelos interstícios poderia vir ao mundo das formas aquilo precisamente de que as formas procuram proteger...

O que assim acontece, então, é uma *dinâmica da subjectividade* que só é possível no espaço da *cultura-mãe*.

E é talvez porque isto intuiu, que Eduardo Mondlane aconselhou Malangatana quanto ao seu projecto de ir para os Estados Unidos, e é porque o mesmo sentiu Malangatana que para lá

não foi. Nem para esse lá, nem para nenhum outro lá onde poderia ter mais pincéis e tintas, mas onde correria o risco de perder a matéria originária de que na sua Arte nos fala.

Compreende-se então o "Matalanismo" de Malangatana: é aí que reside a matéria-mãe que também permite *transformar* a cultura em corpo e a imagem em forma.

Nessa transformação existe uma infinita *autenticidade*: talvez seja essa autenticidade que explique, ainda que parcialmente, o fascínio da arte de Malangatana. Nós, nos nossos espaços tão carenciados de autenticidade e de enraizamento, talvez vejamos na obra Malangatana justamente aquilo que tanta falta nos faz...

A permanente fusão (mas não confusão) com a Cultura-Mãe-Originária torna possível ainda uma postura subjectiva dotada de uma poderosa espinha dorsal.

Ou seja, torna possível uma *dinâmica da subjectividade* que do *outro* – nomeadamente do outro colonial – se diferencia, para no seu próprio solo experiencial se afirmar.

Ora é isto também que nos poemas se encontra. Cen-

trada em si, a subjectividade do poeta pode até identificar-se a outras posições menos diferenciadas, como no poema "Canto de um Velho".

*Oh, senhor, oh senhor
oh patrão oh patrão
mim quer descansar
minha ombro doi muito
meus mãos doi muito
Eu é velho, oh senhor
não aguenta mochila
minha corpo doi
deixa eu descansar
depois há-de andar*

Mas essa identificação é móvel, porque assenta numa identidade culturalmente ancorada: ela permite que por fim uma realidade se desvende:

*"um ano andar e andar
machila não pesa, pesa
mulungu"*

Parece um lamento este poema mas, por outro lado, é mais do que um lamento, é outra coisa: uma subjectividade, a do poeta, internamente autonomizada e diferenciada, identifica-se a uma outra subjectividade, a de um velho que não sabe que posições outras que não a sua poderá tomar. Mas se essa identificação permite a *revelação* do sentir e do viver do velho, com eles não se *confunde*.

Nem com eles se confunde, nem a partir deles elabora um não sei quê de violência. Apenas *objectiva* a violência, *mantendo-a do lado de fora do espaço subjectivo*.

Já uma posição identificatória menos complexa, mas mais distanciada do objecto do olhar, é a que se encontra, por exemplo, no poema *Polana*, ou no poema *Bar do Penguin*.

A autonomia face ao objecto colonial é nestes poemas ainda mais evidente, e a distanciação crítica, mas nunca violenta, passa também por uma ironia cuja pulsação se vê no próprio ritmo das palavras:



*Tanto Senhor
tanto cliente
tanta bandeja
que serve o senhor cliente
Tanta bebida
tanta sanduiche
tanto tabaco
tudo do senhor cliente*

e, por fim, numa espécie de clímax do próprio poema:

*Tanto pedido
tanto sinal à madrugada
tanta promessa
que é pr'a o senhor cliente*

Um tal olhar, mais uma vez, é possível porque a cultura originária lhe serve de campo de referência, cultura outra, portanto, que não a do "senhor cliente".

Mas note-se: poderia haver aqui, no poema, *violência*, poderia haver *sarcasmo*.

Violência e sarcasmo acerca do *velho* que implora, ou da *empregada* que "sorri" para o "senhor cliente";

Violência e sarcasmo acerca desse outro a quem o lamento ou o sorriso se dirigem.

Não há nada disso. A violência e o sarcasmo não habitam a subjectividade do poeta nem do pintor. *Estão do lado de fora, não porque o artista aí os coloque, por um movimento de projecção de conteúdos internos. Estão do lado de fora porque já estão do lado de fora. O poeta revela-os, não os constrói.*

É claro que o sarcasmo é possível, é claro que até pode existir uma estética do sarcasmo. Mas também é verdade que o sarcasmo corresponde a uma posição subjectiva marcada pela insuficiente diferenciação entre o sujeito e o mundo, uma insuficiente autonomia, e por isso uma insuficiente *objectalidade*.

Se não há isso aqui, a razão é sempre a mesma: o existir em Malangatana de uma dialéctica da subjectividade mergulhado nas suas

raízes culturais originárias e por isso segura dos seus próprios movimentos.

E é essa segurança subjectiva que torna possível a *objectalidade* do olhar do pintor e do poeta:

Objectalidade na pintura, quando o objecto é a própria Cultura-Mãe-Originária, quer nas suas dimensões simbólicas quer nas suas qualidades de gestora de transformações; objectalidade na poesia, quando o objecto é o viver e o sentir à sua volta.

E objectalidade na relação com Matalana e o seu Centro Cultural.

Tudo o que une o Centro Cultural, a Pintura e a Poesia radica, pelo menos em parte, nos aspectos centrais da dinâmica de uma subjectividade: a subjectividade de Malangatana.

Por isso permitam-me por fim que diga: há a pintura, há a poesia, há o Centro Cultural, há o resto. *Mas há ainda Malangatana.*

Seria impróprio dele aqui fazer o elogio.

Direi apenas: fosse Malangatana não o homem de Arte que todos sabemos, mas, por exemplo, um comum artífice de *psychelekedana*, se o conhecessemos seríamos dele inquestionavelmente muito amigos, certos de que, com quadros ou sem eles, com poemas ou sem eles, *com ele* estaríamos sempre a abrir *espaços grandes grandes* para o nosso próprio desenvolvimento.

Alocução da Sra. D. Dorothy Guedes

Senhor Presidente
Senhor Director
Senhoras e Senhores

É com grande alegria que assisto ao lançamento deste livro de poemas de Malangatana em português, a língua em que foram escritos. Tenho aqui comigo a

maravilhosa em Lourenço Marques. Com todo o seu colorido, os seus sons, seus movimentos, o seu calor, calor humano.

Malangatana e eu somos gémeos. Não no que diz respeito à idade, felizmente para Malangatana. Ambos fazemos anos no dia 6 de Junho. E temos outras coisas em comum. Ambos falamos uma língua que não é a nossa língua materna. Malangatana a gaguejar um bocadinho e eu a dar



revista *Black Orpheus* em que dois destes poemas apareceram pela primeira vez, mas traduzidos para inglês. E isto foi há mais de 35 anos.

A seguir, estes e outros poemas foram publicados em várias antologias e revistas, em inglês ou noutras línguas. Neste caso tinham sofrido uma dupla tradução. Traduzidos da tradução inglesa.

Nesta altura estávamos em contacto com Malangatana quase todos os dias. Fiquei fascinada com os poemas que ele nos mostrava e com as histórias da sua infância e juventude que ele nos contava.

Eu comecei a produzir a sua autobiografia e P. Rumsey, uma grande amiga nossa, os poemas.

Passados muitos anos, numa altura muito deprimida da minha vida, quando eu reli os poemas, revivi intensamente aquela vida

erros por todo o lado, para não falar do sotaque.

Malangatana fez a sua escola primária nas missões. Eu também fiz a instrução primária portuguesa. Fi-la 4 vezes em segunda mão, orientando os meus filhos nos seus deveres. Um dos meus filhos, que está cá conosco, pode testemunhar quem orientava quem.

Este foi um dos meus caminhos para me integrar na sociedade laurentina. Malangatana seguia outros e alguns estão descritos nestes poemas. Nem sempre era um mar de rosas. Malangatana fala de coisas feias, mesquinhas, atitudes e comportamentos pouco dignos. Mas tudo é descrito com vivacidade, humor, gozo, ternura e compaixão. Malangatana: a minha família e eu estamos muito agradecidos por todas as riquezas que recebemos da sua amizade e da sua família. Que recebemos dos

seus quadros, que sempre fizeram uma parte íntegra do ambiente da nossa casa. Das suas histórias e dos seus poemas que tanto me tocaram no coração.

Muito, muito obrigada.

Alocução de S. Ex^a. o Senhor Presidente da República

Dr. Mário Soares

Sra. Dra. Luísa Guterres
Senhores Directores do
Instituto Superior de
Psicologia Aplicada
Senhor Deputado
Sra. D. Dorothy Guedes
Meu caro Malangatana
Minhas Senhoras e Meus
Senhores
Sr. Ministro, peço perdão
pela ordem, mas ainda o
estava só a ver como
deputado; desculpe!

Queria dizer apenas duas
palavras. Depois de falar o
nosso querido Malangata-
na, com a sua imagética
tão colorida de falar e de
cantar tão bem, com tanto
à vontade – e até essa pe-
quena gaguez, como no-
tou a Sra. D. Dorothy Gue-
des, que lhe é tão peculiar
e que nós tanto aprecia-
mos – porque dá um toque
de timidez ao seu discurs-
so, verdadeiramente en-
cantador, depois de ele
falar, eu não devia, real-
mente, dizer mais nada.
Fui, porém, surpreendido
com este complexo de Pai
Natal que o Malangatana
também tem! Começou a
distribuir livros, gravuras e,
para mim, este tão impres-
sionante quadro, que me
enche de reconhecimento
e de satisfação. Como não
lho dizer e, reconhecidamente,
agradecer?

Digo apenas que Malanga-
tana é, de facto, um mila-
gre de talento, de hu-
manidade e de simplicida-

de. É um milagre a maneira
como ele fala da Senhora D.
Dorothy Guedes, do seu
Marido e dos seus Filhos,
que tanto o ajudaram. A ter-
nura com que ele fala de
vós é verdadeiramente
extraordinária, num homem
do nosso tempo, que tem a
consciência do que foi o
peso da colonização. É algo
de encantador e de extra-
ordinário. Depois, a forma
como ele falou deste Institu-
to. Fez o melhor elogio que
podia ser feito ao vosso tra-
balho. E, naturalmente, tam-
bém todos ficamos satis-
feitos de ouvir a maneira
como Malangatana se
referiu ao Dr. Rebelo de
Sousa e a Sua Esposa, e
dos contactos que tiveram,
quando era Governador de
Moçambique na época colo-
nial. Tudo isto, realmente,
mostra a limpidez e a gene-
rosidade do coração deste
homem. Não só é um pintor
extraordinário, um pintor uni-
versal (e não só um grande
pintor moçambicano) como

que estava numa bicha do
aeroporto e exclamou:
"Não! Não, eu tenho direito
de estar aqui, nesta fila
porque eu falo a língua de
Camões". Melhor que
qualquer outro, Malanga-
tana disse aquilo que hoje
sentimos em Portugal em
relação à sua terra e a
todo o espaço lusófono.

Sendo um cidadão livre,
em Moçambique **livre**, vir
aqui a Portugal, hoje terra
de liberdade, dizer o que
diz, é qualquer coisa que
nos enche de alegria e
nos faz acreditar, sincera-
mente, que nós temos
condições para realmente
criar a grande Comunida-
de dos Países de Língua
Portuguesa, que está em
preparação. Com homens
como Malangatana, esta-
mos no bom caminho para
fazer essa Comunidade.
Assente na liberdade de
todos nós e no respeito
das respectivas inde-
pendências, na igualdade,
na solidariedade e na reci-



também, como vimos e ouvi-
mos, pelas poesias que dele
recitaram tão bem os seus
dois amigos, é um poeta de
fina sensibilidade e um
homem com uma visão hu-
manista da existência. Não
há dúvida que ele é um
poeta e um humanista, um
africano com uma cultura
própria, enraizada, que sabe
elevar-se à universalidade.
O Malangatana, pelo sim-
ples facto de existir, é al-
guém que nos enche de
orgulho. A amizade que tem
por nós, portugueses, e
aquilo que ele conta e con-
tou, tão bem e com tanta
graça, quando nos disse

procidade das vantagens.
Desta maneira, podere-
mos construir aquilo que
foi um sonho dos grandes
democratas e anti-colonia-
listas do passado: criar
através dos laços de san-
gue, de cultura, do afecto,
da história e da simbiose
de culturas e modos de ver
e sentir como diz aqui no
seu quadro, algo de novo
no Mundo, com a nossa
afectividade, a nossa
determinação, lucidez e
humanismo.

Meu Caro e admirado
Malangatana: muito obri-
gado por existir!

Agradecimento de Malangatana

Eu só vim agradecer a S.
Ex^a. o Sr. Presidente da
República, Dr. Mário Soares,
homem de cultura, homem
da arte e creio que amante
dos homens da cultura.
Minhas Senhoras e Meus
Senhores

Para mim este momento é
um momento duplamente
importante. O facto do livro
ter sido publicado aqui em
Portugal, um livro trazido
para aqui por pessoas que
não são só pessoas amigas
mas são aqueles que eu
diria os meus segundos
pais. O Arquitecto Miranda
Guedes e a D. Dorothy
Guedes, a senhora que
acabou de falar há pouco
tempo. Eu muitas vezes fi-
cava com ciúmes na rua
Naval 915, quando a sen-
hora Dorothy e o Pancho só
se lembravam do Pedro,
Fredo e a Lonka num tom
diferente que era o tom que
eu também gostaria de ter.
Eu fazia algumas coisas
más. Batiam no rabinho a
mim, não no mesmo tom do
Pedro. Eu não gostava. Eu
queria ter também o mesmo
castigo que o Pedro tinha
quando ele fazia malan-
drices.

Queria também que gri-
tassem da mesma maneira
que gritavam ao Fredo
quando o Fredo subia às
árvores e pegava em
máquinas para fotografar,
numa altura em que ele não
devia pegar em máquinas
porque era criança. Mas
acho que muito cedo se
aperceberam. Então passei
a apanhar "tautaus" de uma
maneira como os meus ir-
mãos. E aí fiquei contente.

Outra coisa importante tam-
bém para mim é que o livro
aparece aqui no Instituto
Superior de Psicologia
Aplicada onde eu encontrei,
no ano passado, uma coisa



O Dr. Mário Soares recebendo oferta de um quadro de Malangatana

extraordinária. Eu, com as minhas limitações em termos de formação académica já visitei muitas Universidades, já visitei aqui no país, já visitei no meu país, já visitei também noutras partes estrangeiras.

E aqui encontrei uma forma, um tratamento, um interesse especial que me permitiu dizer assim: antes de sair daqui de Portugal eu tenho de fazer uma partida a esta gente. Eu tenho que rezar o meu feitiço e vai pegar.

Comecei a fazer conversas com os dois. O Prof. Frederico Pereira e o Carlos Pratas, com quem dialogava muito. Durante uma semana eu não sabia quem era o mais alto, em termos de graus aqui. Depois descobri que os dois, tendo alturas diferentes, têm responsabilidades comuns. E também fui caçando e cheguei à conclusão que afinal aquela gente que varre o chão é também responsável e dona desta casa. Então isto fascinou-me! Eu nunca estive numa Universidade em que o porteiro fosse também membro da cooperativa. Eu nunca estive numa Universidade onde me tivessem mostrado que o porteiro escrevesse livro editado nessa universidade e aqui, senhores e senhoras, acontece!

Aqui acontece o milagre. Eu apercebi-me que, afinal, aquele moço que de vez em quando me vai buscar a casa, quando não me apetece vir de táxi ou de autocarro, também é membro da cooperativa. É responsável dos livros que andam por aqui, das carteiras, do carro, da mesma maneira que é responsável pelo dinheiro que entra e sai. Também senti que eles todos quando falam nos alunos, falam numa linguagem em que os alunos são parte integrante desta casa também.

E eu fiquei, quer dizer, doído, sinceramente. Então eu senti que havia coisas muito comuns mesmo lá no estrangeiro, neste estrangeiro que afinal também é meu. Este país é meu. Há anos eu não admiti no aeroporto que me tivessem posto numa bicha dos não-CEEs. O senhor viu-me. Fui à bicha porque havia gente bichando, e o senhor veio ter comigo a dizer assim: "O Sr., o sr... é para passar? O Sr. também pertence à comunidade da CEE?". — "Óiça! Em que língua o senhor está a falar? Sinceramente. Enquanto falares esta mesma língua, esta língua de Camões, aqui no aeroporto eu pertença a

qualquer porta. Pertença a qualquer guichet". E de facto não admiti. O senhor tolerou, disse que tolerava e carimbou. Mesmo que não tolerasse, eu daqui não havia de sair.

Nesta pátria de Camões em que de facto me sinto tão bem também, como me sinto tão bem lá em Moçambique. Eu não posso deixar de manifestar a minha alegria por o livro ter sido editado aqui em primeira mão e lançado aqui também em primeira mão. E o livro está condenado a ter mais lançamento. Aqui em Portugal, aqui em Lisboa, no Porto. Aliás, no Porto vai ser no dia 4 e em Moçam-

bique vai ser na Associação de Escritores, quando lá chegar, e ainda mais em Matalana também. Por isso muito sinceramente eu estou muito feliz, muito comovido...

... Gostaria também de voltar a dizer mais alguma coisa pela família Guedes. A família Guedes criou-me muitos problemas na família. Quando a família Guedes me encontra no Núcleo de Arte aonde pintava ao lado de um faroleiro que está ali sentado, o José Júlio. E me leva para sua casa. Me tira do Clube de Lourenço Marques. Onde eu tinha farda, tinha sapatilhas, tinha quarto, tinha lâmpadas no quarto e diz ele que me quer levar para sua casa, para eu ter essa bolsa dele. Eu não sabia o que era uma bolsa e insistiu mesmo: "Olha tu vens viver para nossa casa, mas primeiro volta lá para Matalana. E quando chegares a Matalana, não fiques ali em casa, vai mais para o interior que tu conheces e começa a fazer apontamentos daquilo que tu vais encontrar lá. Eu disse: "Eu?" Mas este branco não pode ser. Então eu estou a trabalhar num clube civilizado onde até brancos para entrar nesse Clube tinham que suar. É verdade tinham que transpirar mesmo.



Havia duas caixas, uma para bolas pretas outra para bolas brancas. Para o sócio entrar nesse clube não era uma questão de cor. Mulatos estavam muito longe. Pretos estavam muito longe, mas entre brancos havia quer a bola preta ou a bola branca conforme o conhecimento dessa pessoa. Se fosse comerciante, nem sequer pisava a soleira da porta do Clube Lourenço Marques. Era impossível, não tentava. Sinceramente para mim foi tanta coisa aqui junto. De qualquer forma eu vivia bem no Clube Lourenço Marques. Eu tinha chá de manhã, tinha almoço, tinha chá à tarde e muitas vezes comia torradas ao fim da tarde. Então tira-me para casa dele. Então o que é que eu vou fazer lá. Então eu tive que ir dizer aos meus pais: "Olha papá há uma coisa que eu nunca vi. Há um casal de brancos. Ele fala bem português. A mulher fala assim assim e estão a dizer para eu deixar de trabalhar no Clube para ir ficar em casa deles". O meu pai que trabalhou em muitas minas da África do Sul, era um belíssimo cozinheiro também. Cozinhava muito bem o peru, o pato, etc., de uma forma inglesa. Disse: "Não. Meu filho deixa estar. Eu hei-de tratar da vida deles". Foram para lá. Lá para o interior numa altura que não tínhamos estradas nenhuma. Chegaram com os meus pais. Fez-se as rezas que são tradicionais entre nós, tocou-se concertina, viola, dançou-se tudo e no fim houve a reunião familiar. O meu pai e a minha mãe então disseram: "Se vai tomar conta do nosso filho leva-o consigo. Já apresentamos tudo aos espíritos. Já falamos de que nosso filho vai deixar de estar no sítio. Vai viver consigo". E fiquei a viver na casa da família Guedes um

ano de três anos e meio. Eu vi tanta coisa nessa casa, aprendi muito. Vi entrar figuras, que eu vi nessa casa. Apareceu uma vez Tristan Tzara que eu não consegui compreender nada do mundo daquele homem. Só muito mais tarde é que eu soube que aquele homem era um surrealista que tinha participado em vários movimentos literários com pintores também de uma certa época estranha. Só mais tarde é que me apercebi disso. Mas não só ouvi a voz daquela Senhora Dorothy a cantar coisas que eu gosto. A cantar músicas de concerto que eu gosto muito e aprendi muito nessa casa. Vi o Pedro crescer. O Pedro desenhava muito. Há aqui pessoas que foram meus professores, que me receberam cá quando vim pela primeira vez.

Há pessoas que me encaminharam para vários sítios. Por isso é que eu conheço Portugal talvez como ninguém. Levaram-me à Marinha Grande, levaram-me ao..., levaram-me até ao sítio onde morreu Catarina Eufémia. Levaram-me para muitos sítios, para casas onde eu sentado com uma velha senhora me perguntou: "Você o que quer comer?" "Eu?". Olhei assim para uma casa com muitas cebolas, tudo para mim eram chouriços, e disse assim "Eu quero chouriços" e apontei. E a velha diz a um amigo que estava comigo, Dr. Afonso de Albuquerque, "Homem você traz-me aqui um homem que não sabe nada. Você quer chouriço? É linguça. É linguça, se você tem do tamanho da linguça, você não serve para mim".

Bem agora desculpem isto é português... você não fica em minha casa. Coisas tão bonitas tão íntimas que, de

facto, só uma pessoa de sorte como eu é que pode receber esta sorte.

Por isso é que eu me sinto feliz, por esta publicação aqui em Portugal. Diria mais coisas sobre esta gente que está aqui. Mas não me vou alongar muito.

Muito obrigado.

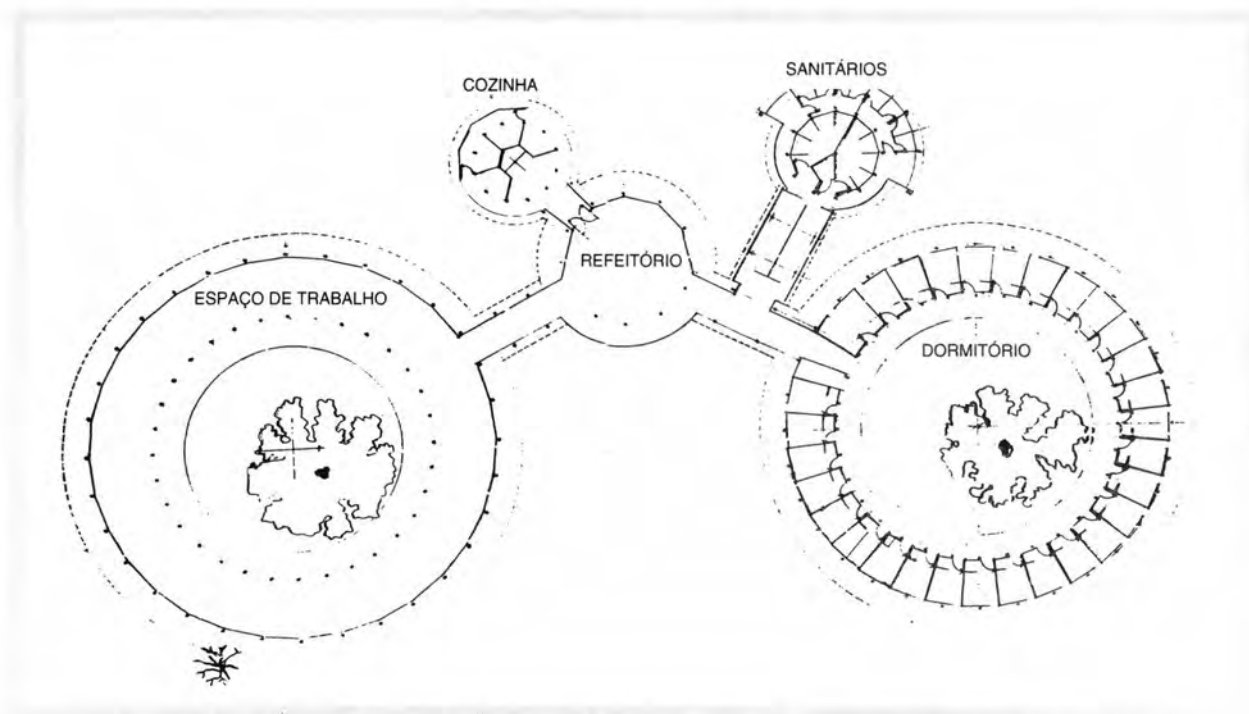


O ISPA agradece a colaboração do


Instituto Superior de Arte, Lda.

no lançamento do livro
"Vinte e Quatro Poemas" de Malangatana,
com ilustrações

Planta do Centro Cultural de Matalana



Apoios de: Índico Construções; CMC – Empresa Italiana de Construções de Estradas; Mabor Moçambique – Transportadora de todos os materiais; ISPA

Construção de parte do Centro Cultural de Matalana



O **Centro Cultural de Matalana** é uma Associação Cultural virada para a formação profissional e desenvolvimento. A génese desta vem dos anos 60 quando a população viu a sua Escola primária encerrada pelas estruturas coloniais. A população mobilizou-se até que conseguiu a construção de uma nova Escola e em simultâneo com o apoio de amigos médicos, levou a cabo acções de apoio para tratamento das populações.

Foi aproveitada uma residência de um dos elementos da população como posto de saúde, consultas e tratamentos. Deve-se salientar que muitas actividades culturais tiveram lugar naquele período e incluíram pequenos festivais apoiados por exposições de arte ao ar livre e teatro.

São *testemunhas* dessas experiências o surgimento de artistas oriundos daquela localidade:

Mankew Mahumana, Fernando Maxiyana, José Dias Machate, Mundawu Oblino Mabyaya, Malangatana Ngwenya, Filipe Maxiyana, Lindo Hlongo, Ema Maxiyana, pintores e escultores, etc.

Matalana tem tradições de luta pela educação desde há bastantes anos, na altura em que a região era conhecida por Nondwana onde Henry Junod se inspirou para escrever "Usos e Costumes Bantos".



A criação deste Centro não sendo uma ideia nova torna-se importante pois, finda a guerra, visa no âmbito da democracia, criar uma cultura da Paz e Tolerância.

Matalana foi também dilacerada pela guerra recentemente terminada. Mas apesar disso, o grupo coral existe, compõe e canta com ênfase cânticos cheios de reconciliação, paz e amor.

O centro tem como objectivos a mobilização de novas gerações e não só, para a profissionalização, moralização e tolerância entre as camadas jovens para minimizar as gangrenas da guerra.

A actividade do centro não se restringirá só à população de Matalana, porque é intenção deste projecto abrir-se igualmente a outras populações.

O Centro Cultural de Matalana, é um projecto inovador, que contempla as seguintes áreas:

- Ensino Primário
- Formação Profissional
- Desenvolvimento Educativo
- Desenvolvimento Sanitário
- Formação Artística
- Formação de Formadores
- Museu de Arte Tradicional e Moderna
- Biblioteca

Todas estas áreas estão integradas na cultura de base que as acolhe, lhes dá sentido e as perspectiva.



A dinâmica da cultura não é um luxo ou um "a mais" que poderá associar-se aos processos de formação. Ela é o núcleo das identidades e das histórias das pessoas, dos grupos e das sociedades. Sem esse núcleo, programas de desenvolvimento educativo, formativo ou sanitário perder-se-ão com relativa facilidade.

Não nos enganaremos se pensarmos que um dos erros mais comuns será o de procurar transmitir saberes e técnicas ignorando identidades culturais.

É exactamente o oposto a que se aspira em Matalana: enraizamento na cultura originária, respeito pela dimensão global do ser humano e, por via disso, potenciação dos processos de aprendizagem e desenvolvimento, são três dos princípios organizadores do Centro Cultural de Matalana.

Espalhando-se por uma área de cerca de **4.000 metros quadrados** o Centro, tomando como referência três enormes cajueiros, é constituído por um espaço circular de 30 metros de diâmetro à volta de duas das árvores, destinado a ser um **atelier colectivo**.

Distribuindo-se à roda do outro cajueiro, outro espaço circular com 28 metros de diâmetro, é dividido em **celas-dormitório** com uma mesa e uma cadeira cada, lá construídas. Entre estes dois espaços principais – separados por 16 metros – teremos outro edifício circular com um diâmetro de 12 metros que será o **refeitório**. Outros 2 edifícios circulares serão **balneários, sanitários e cozinha**. Todos esses edifícios estarão ligados por corredores cobertos.



Completa o conjunto um muro ondulatório que se estende por cerca de 40 metros e que servirá de fundo para as actividades teatrais ou afins, para o que também é aproveitada a depressão de terreno existente entre os outros blocos e o muro.

Avançando exteriormente a este projecto, veio a conseguir-se financiamento para a criação de uma **escola de corte e costura**, que já está quase pronta, e onde virão a ser integrados uma **oficina** para ensino de carpintaria, outra de serralharia e outra de mecânica.

O estudo e replantio das plantas usuais na área, bem como o plantio de novas que pareçam poder adaptar-se é outro dos projectos. Projecto que aliás já começou a avançar com a plantação feita por membros da Associação e a população local, de duas mil plantas.

Para ir suprimindo algumas necessidades relacionadas com o Centro, também a Associação se prepara para com os seus membros construir algumas **habitações tradicionais** – palhotas – que poderão manter-se já com o Centro construído. Ainda no processo de desenvolvimento do Centro projecta-se criar uma **biblioteca** que também servirá os alunos da escola local, e para a qual já existem promessas de equipamento, e um centro museológico, virado para os elementos antropológicos da zona, já com alguns recolhidos.



- 1936** Nasce a 6 de Junho, em Matalana, Marracuene, Moçambique.
- 1945** Vai estudar para a Escola da Missão Suíça de Matalana, para o que tem de percorrer diariamente vários quilómetros a pé. Aí, com Sedekiyas Maxiyana, aprende a ler e a escrever em ronga, a cantar e religião. Começa a copiar desenhos de livros. Nos seus tempos livres faz esteiras e cestos que vende, bem como *mulala*¹ para ajudar a pagar a escola.
- 1947** A escola da Missão Suíça é encerrada pela administração colonial. A sua mãe é vítima de uma doença mental e Malangatana tem de apoiar como *nyawuti*² as cerimónias do curandeiro que a pretende tratar. Continua a estudar na Escola da Missão Católica de Ntsindya (Bulaze).
- 1948** Depois de obter o diploma da 3ª classe rudimentar, vai para Lourenço Marques. Torna-se criado de crianças.
- 1953** Começa a trabalhar no Clube de Lourenço Marques como apanha-bolas. Volta a poder estudar. Começa a fazer desenhos.
- 1957** Início do movimento em Matalana para reabertura da escola que, com a organização de festas tradicionais e actividades culturais de vários tipos, se vai estender até à formação da Comissão Pró-Escolar de Matalana.
- 1958** Frequenta o Núcleo de Arte, onde conhece o pintor Zé Júlio que o apoia.
- 1959** Expõe pela primeira vez numa colectiva realizada em Lourenço Marques. Exposição "Salão de Artes Plásticas" (colectiva): Casa da Metrópole, Lourenço Marques, Moçambique. Exposição "I Concurso de Artes Plásticas de Moçambique" (colectiva): Associação dos Naturais de Moçambique, Lourenço Marques, Moçambique.
- 1960** O arquitecto "Pancho" Miranda Guedes permite-lhe "profissionalizar-se" como pintor: cede-lhe a sua garagem para estúdio e compra-lhe duas obras por mês que, mesmo por um preço barato, é mais do que o seu ordenado como criado de bar. Os jovens de Matalana homenageiam, numa grande festa, o fundador da escola, Tobias Maxiyana.
- 1961** Em Abril efectua a sua primeira exposição individual. A revista "*Black Orpheus*" faz-lhe longas referências. Contacta, em casa de "Pancho" com o Dr. Eduardo Mondlane que lhe faz ver a necessidade de se conservar em Moçambique para o seu desenvolvimento artístico ligado ao seu povo e não procurar bolsas no exterior. Exposição Individual: Edifício das Associações Económicas, Lourenço Marques, Moçambique.
- 1962** Criação da Comissão Pró-Escolar de Matalana. Exposição "Comemorações de Lourenço Marques" (colectiva): Câmara Municipal, Lourenço Marques, Moçambique.
- 1963** Nelson Mandela é preso e o artista não deixa as suas obras continuarem a ser expostas na África do Sul. Assim, a exposição "Artistas de Moçambique" que de Joanesburgo seguia para Durban, deixa de contar com a sua presença. Recusa participar na representação de Portugal à Bienal de São Paulo, no Brasil.

- 1965** É preso pela PIDE sob suspeita de ter ligações com a FRELIMO. Permanece preso 18 meses, acabando por ser posto em liberdade, após absolvido no primeiro julgamento e no recurso posterior apresentado pelo Ministério Público.
- 1968** Após saído da prisão, prossegue com mais intensidade a dinamização cultural e social em Matalana, levando a cabo o I Festival de Arte de Matalana e conseguindo a reabertura da escola a que se juntou um posto médico. Exposição "Comemorações do 24 de Julho" (colectiva): Câmara Municipal, Lourenço Marques, Moçambique.
- 1970** Faz uma exposição individual em que resolve ir o mais longe possível, sob uma censura feroz, na denúncia do colonialismo.
- 1971** Bolseiro da Gulbenkian em gravura e cerâmica, contacta pela primeira vez com uma sociedade não moçambicana, não africana. Esse contacto marca profundamente a sua obra que parece ganhar ainda mais força na ligação com o seu povo.
- 1972** Estreia da peça "Os Noivos, ou Conferência Dramática sobre o Lobolo", em que participa como actor, dançarino e intérprete musical. Exposição Individual: Galeria Bucholz, Lisboa, Portugal. Exposição "II Festival de Arte de Matalana" (colectiva): Matalana, Marracuene, Moçambique.
- 1973/74** Volta à Europa e aí permanece durante alguns meses, percorre vários países europeus, visita muitos "ateliers", museus e galerias. As tendências apontadas em 1971 aprofundam-se. Uma série de óleos e desenhos ("fase suíça"), após a sua estada em Berna, diferem muito do resto da sua obra, dando-nos um outro tipo de visão. Com a queda do exército colonial, implica-se a fundo no processo político, actuando incansavelmente como mobilizador e ajudando a solucionar conflitos sociais e laborais, como trabalhador do Instituto de Trabalho e da sua Comissão Política. Exposição (colectiva): Galeria Chissano, Lourenço Marques, Moçambique. Exposição "Contemporary African Art" (colectiva): Museum of African Art, Washington, EUA. Exposição de desenho (individual): Galeria Bucholz, Lisboa, Portugal. Exposição "Semana contra a guerra colonial" (colectiva): CDE, Paço de Arcos, Portugal. "Maías para o 25 de Abril" (colectiva): Galeria S. Mamede, Lisboa, Portugal.
- 1975** Exposição (colectiva itinerante): Associação Africana de Moçambique, Lourenço Marques (percorre várias outras cidades e vilas de Moçambique).
- 1977** O Ministério da Educação e Cultura encarrega-o de criar a Galeria de Artesanato e, depois, o Museu Nacional de Arte. Desloca-se à Nigéria, onde se demora dois meses, participando activamente no "II Festival de Artes Negras e Africanas", para além de acompanhar a representação artística moçambicana. Exposição "II Festival de Artes Negras e Africanas" (colectiva): Lagos e Kaduna, Nigéria.



¹ Mulala - Nome de um arbusto, cujos pedaços de raiz são tradicionalmente usados para limpar os dentes.

² Nyawuti - Ajudante de curandeiro

Exposição "Festa do Avante" (colectiva): Recinto da Festa, Lisboa, Portugal. Exposição "II Aniversário da Independência de Moçambique" (colectiva): Museu Nacional de Arte, Maputo, Moçambique.

- 1978** No processo de organização das aldeias comunais, segue para Mugovolas e Murrupula, província de Nampula, onde vai permanecer até 1980. Desenvolve intensa actividade de dinamização cultural nesses dois distritos. Entra, como principal intérprete, numa das peças de autor moçambicano levada à cena em Mugovolas. Recomeça a desenhar com maior intensidade e inicia-se nas acrílicas.



- 1979** Exposição "VII Cimeira dos Não-Alinhados" (Colectiva): Havana, Cuba.

- 1980** Regressa a Maputo e é nomeado director do Departamento de Artesanato, dispendendo grande actividade para apoio e desenvolvimento das cooperativas de artesãos de Maputo.

A sua actividade artística pode ganhar nova força e produtividade.

Exposição "Semana de Amizade Moçambique Zimbabwe" (colectiva): National Art Gallery, Salisbúria, Zimbabwe.

- 1981/85** Só, ou integrando delegações, acompanha exposições de artistas moçambicanos a vários países estrangeiros, como União Soviética, RDA e Angola, efectuando exposições individuais em Portugal e na Índia. Exposição "Homenagem a Picasso dos Artistas Moçambicanos" (colectiva): Museu Nacional de Arte, Maputo, Moçambique. Exposição "20º Aniversário da Fundação da FRELIMO" (Colectiva): Casa dos Bicos, Beira, Moçambique.

- 1983** Exposição "Artistas do Mundo contra o Apartheid" (colectiva): Grand Palace, Paris, França. Exposição "50º Aniversário do Presidente Samora Moisés Machel" (colectiva): Museu Nacional de Arte, Maputo, Moçambique.

- 1984** Exposição "Malangatana e Chissano": Indian Council for Cultural Relations, Nova Delhi, Índia. Exposição "Artistas do Mundo contra o Apartheid" (colectiva): Lunds Konsthall, Lund, Suécia/ Porin Taidemuseo, Porin, Nykytaiteen Museo, Tampereen e Lahden Taidemuseo, Lahti, Finlândia/Udstillingsbygningen ved Charlottenborg, Copenhaga, Dinamarca.

- 1985** Deixa de exercer funções no Departamento de Artesanato, para se poder dedicar unicamente às Artes Plásticas.

Exposição "Artistas do Mundo contra o Apartheid" (colectiva): Roissy-Ch. de Gaulle e La Maison de l'Etranger, Marselha, França.

- 1986** Participa na Conferência Internacional de Artistas e Intelectuais pela Paz, Potsdam.

Participa como convidado e membro do júri na Bienal de Havana.

Exposição "Semana de Moçambique" (colectiva): Roma, Itália.

- 1987** No âmbito da exposição colectiva da "Semana Cultural de Moçambique", desloca-se a Estocolmo onde permanece 3 meses a trabalhar com crianças.

Participa como membro do júri numa exposição de Arte Infantil em Moscovo.

Desloca-se a Viena no âmbito da sua exposição retrospectiva e inicia um intenso trabalho com crianças, pintando com elas diversos trabalhos murais em escolas.

Participa ainda no Projecto de Geminção de Escolas Austríacas com Escolas Moçambicanas. Trabalha no projecto de uma tapeçaria em apoio à O.M.M. (Organização da Mulher Moçambicana).

Participa no projecto do Ministério da Educação, Arte e Desporto, para capas didácticas em África.

Condecorado com a Medalha Cirilo e Methodis em Sofia.

Participa como Membro do Júri na Exposição Internacional de Arte Infantil em Moscovo.

Exposição "Semana Cultural de Moçambique" (retrospectiva e colectiva): Kenitruhuset, Estocolmo.

Exposição retrospectiva: Sofia, Bulgária.

Exposição retrospectiva: Palais Palphy e A.A.I.C., Viena, Áustria.

Malangatana e Chissano em Ankara.

- 1988** Participa no Concerto de Nelson Mandela em Wembley com um painel de 10mx7m no palco.

Participa como membro do júri da exposição Barigs Needlamb em Harare, Zimbabwe.

- 1989** Entrega da tapeçaria executada ao Governo Austríaco.

Conferência de Imprensa com a Ministra da Educação, Arte e Desporto, e a Ministra dos Assuntos Femininos. Entrega das primeiras pastas (mulheres em África).

Participação na inauguração da Escola Primária do Laranjeiro em Almada, com vista à elaboração de uma acção cultural e pedagogia futura.

Exposição retrospectiva: Sociedade Nacional de Belas Artes.

- 1990** Exposição individual de desenho em Lisboa.

Participa em Exposições colectivas em Moçambique.

- 1991** Participa na "África Explores" que percorre várias cidades dos Estados Unidos. Exposição com Idasse em várias cidades de Portugal.

- 1992** "África Explores" prossegue por várias cidades dos Estados Unidos. Participa em Exposições colectivas em Moçambique e na "Expo 92", em Sevilha.

- 1993** "África Explores" prossegue por várias cidades dos Estados Unidos. Participa em colectivas em Moçambique. Individual de desenho em Maputo.

- 1994** "África Explores" prossegue por várias cidades da Europa. Participa em Exposições colectivas em Maputo e Cidade do Cabo. Exposição individual de pintura em Santiago do Chile e em Maputo. Retoma a escultura em ferro e cimento no Infulene, Mabor de Moçambique.

- 1995** Vem a Lisboa, a convite do ISPA, para participar no I Congresso Europeu de Antropologia Literária. Intervem no "atelier" Imaginário Africano, Literatura, Artes com

Mia Couto, e constrói a Palhota Sagrada, composta por 7 painéis (Março de 1995).

Convida representantes do ISPA a deslocarem-se a Matalana, e promove a assinatura de um protocolo oficial de colaboração entre o Centro Cultural de Matalana e o ISPA (Maio de 1995).

"África Explores" prossegue por várias cidades da Europa. Participa em colectivas em Maputo. Finaliza a escultura em ferro e cimento no Infulene, Mabor de Moçambique, que passa a ter 15,5 metros de altura.

Participa em colectivas em Maputo.

Participa num "Workshop" na Ilha da Reunião e na exposição resultada dele.

Representa África na reunião em Hiroshima, a propósito do 50º aniversário do lançamento da bomba atómica.

1996 Vem a Lisboa a convite da Câmara Municipal de Lisboa para exibição do filme A Casa Sagrada de Malangatana, da autoria de Vasco Pinto Leite (Videoteca Municipal, Fevereiro de 1996).

Faz o lançamento do seu livro com ilustrações "Vinte e Quatro Poemas", editado pelo ISPA em associação com o Centro Cultural de Matalana (ISPA, Março de 1996).

Preparação de uma exposição de gravuras para a Bienal de Amadora (Abril de 1996).

"África Explores" prossegue por várias cidades da Europa. Tem previsto participar em colectivas na Dinamarca, na Finlândia (numa posição de destaque com 25 obras), em Portugal, e realizar uma individual em Macau.

Tem murais pintados ou gravados em cimento em vários pontos de Maputo e na cidade da Beira, em Moçambique, na África do Sul, no Chile, nos Estados Unidos da América, na Grã-Bretanha, na Suazilândia, na Suécia, e na Áustria.

A sua obra (Pintura, Desenho, Aguarela, Gravura, Cerâmica, Tapeçaria) encontra-se em vários museus e galerias públicas, bem como em colecções privadas por inúmeras partes do mundo.

Membro do Júri do Primeiro Prémio UNESCO para a Promoção das Artes; membro permanente do Júri do "Heritage", do Zimbabwe; membro do Júri da II Bienal de Havana; membro do Júri da Exposição Internacional de Arte Infantil de Moscovo; membro do Júri para os Cartões de Boas-Festas UNICEF; membro do Júri de vários eventos plásticos em Moçambique.

Prémios e Distinções

- 1959** Menção honrosa no "I Concurso de Artes Plásticas de Moçambique", Associação dos Naturais de Moçambique, com a "Mulher na Cidade".
- 1962** 1º Prémio de Pintura "Comemorações de Lourenço Marques", com a "A Humanidade".
- 1968** 2º Prémio de Pintura (ex-aequo) "Comemorações do 24 de Julho", com a "Última Ceia".
- 1970** Diploma e Medalha de Prata como Membro "Honoris Causa" da Academia Tomase Campanella de Artes e Ciências, Itália.
- 1971** Bolseiro em Lisboa da Fundação Calouste Gulbenkian, em cerâmica e gravura.
- 1982** Artista convidado para "Artistas do Mundo contra o Apartheid", das Nações Unidas.
- 1984** Medalha Nachingwea, pela contribuição dada à Cultura Moçambicana.
- 1985** Artista convidado para presidir ao júri da National Annual Art Exhibition of Zimbabwe.
- 1989** Prémio AICA (Associação Internacional dos Críticos de Arte).
- 1990** Prémio da Associação Internacional dos Críticos de Arte, Lisboa.
- 1995** Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, Portugal.

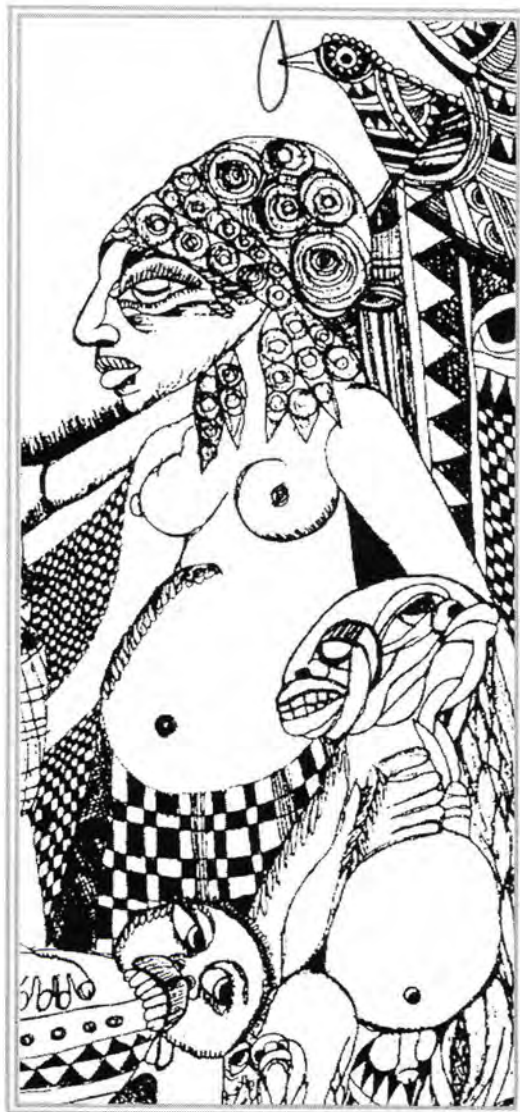


A minha preocupação

Nos teus braços fiquei
quando me nasceste muito
preocupada
quero estava aflita
naquela altura pergunto
de que Deus me levarias?
Isto em silêncio allora
para ver se o parto corria bem
tudo lavava as mãos
para poder receber meu Vinhador
e toda mulher e aflita
mas quando afastei-me
do lugar em que me guardastes deu-
rante longo tempo
dei logo o primeiro respiro
tu gostastes de alegria
o primeiro beijo foi o da avó'

que levou-me logo para o lugar
que me guardavas e é secreto
tudo foi proibido a entrar
no meu quarto
porque tudo cheirava mal
e eu todo fresco, fresco
respirava finalmente dentro
das minhas palmas

Mas a avó' que se supunha doída
estava sempre ao meu lado
ver-me e reuer-me sempre
porque as moscas vinham ter comi-
go e os mosquitos inquietava-me
Deus reuer-me também
era o amigo da minha avó' ve-
lhinha



I

Entre o **Centro Cultural de Matalana**, distrito de Maputo, República de Moçambique, representado por Malangatana Valente Ngwenya, membro da respectiva direcção, e o **Instituto Superior de Psicologia Aplicada**, Lisboa, Portugal, representado pelo seu Director, Professor Doutor Frederico Pereira,

e tendo em conta que:

1º Os objectivos do Centro Cultural de Matalana têm estreitas relações com a área da formação profissional, desenvolvimento educativo e desenvolvimento para a saúde, uma perspectiva que a todos integra na mais ampla dinamização da cultura de base, tomando em consideração que o ser humano é um ser global,

2º O Centro Cultural de Matalana se pode adicionalmente constituir como espaço de investigação, nomeadamente no que respeita às interfaces entre as culturas de base e os processos de desenvolvimento educativo, da formação profissional e da saúde, assumindo-se assim como possível pólo de desenvolvimento científico,

3º Os interesses e orientações científicas e técnicas do Instituto Superior de Psicologia Aplicada transcendem a esfera das meras tecnologias de ensino e de formação profissional e se inserem numa perspectiva em que o formando é visto como um indivíduo global, dotado não apenas de competências de base, mas também de raízes culturais e históricas que determinam a forma como essas competências evoluem e sobre-determinam os processos de activação do desenvolvimento educativo, profissional e da saúde.

Firma-se um Protocolo de Cooperação que associa as duas instituições em objectivos de comum interesse.



O Dr. Mário Soares, Sr. Carlos Pratas e Prof. Doutor Frederico Pereira na inauguração da Exposição de Malangatana no ISPA

II

Ao abrigo do presente Protocolo desenvolver-se-ão as acções julgadas pertinentes por ambas as instituições e, concretamente, as acções destinadas a:

1º Encontrar fontes de apoio financeiro, a nível dos respectivos países e também a nível internacional destinadas a concretizar parcialmente a construção de infraestruturas necessárias ao funcionamento do Centro Cultural,

2º Encontrar fontes de apoio sob a forma de outros recursos naturais destinados a suportar parcialmente e sobretudo numa fase inicial a activação dos processos de desenvolvimento educativo e de formação profissional,

3º Desenvolver acções de cooperação, na área da intervenção e investigação acerca das especificidades dos processos de formação e de articulação entre o Campo Cultural de base e a dinâmica das transformações formativas, quer na área do desenvolvimento educativo e para a saúde, quer na área da mais específica formação profissional,

4º Associar a estas acções outras Universidades e departamentos universitários, nomeadamente de âmbito europeu, que em associação com departamentos de investigação e intervenção moçambicanos, ou com indivíduos interessados, possam:

- a) Contribuir para a maior diferenciação científica e técnica das referidas acções ou projectos, sempre numa perspectiva de ajustamento às realidades locais e não na perspectiva de exportação de modelos elaborados noutros contextos culturais,
- b) Contribuir para a divulgação internacional dos objectivos e resultados progressivamente alcançados pelo Centro Cultural de Matalana.

NO POLANA

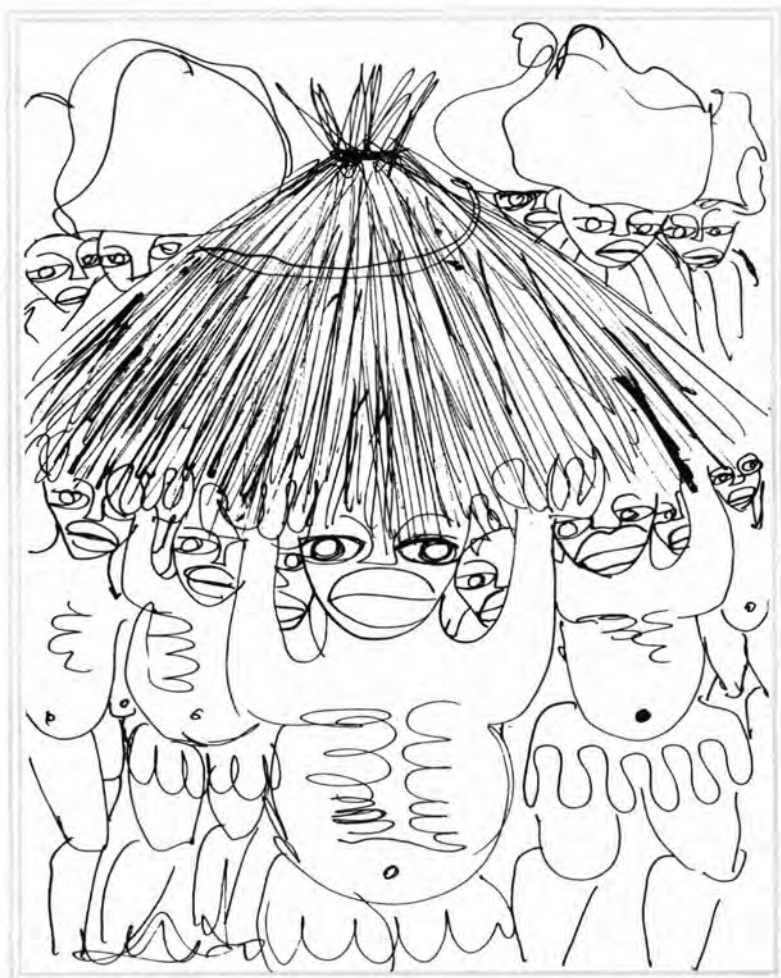
Tanto milionário
com cheque verdadeiro e falso
tanto fato e vestido
tanto carro luxo
Tanto pretinho
tanto indiano
tudo com fato
p'ra milionário
Milionário entra
porteiro fala com respeito
lá fora pretinho com mala
que a Mrs aponta p'ra tirar
tanta linguagem
tanta confusão
tanto sinal com dedo
porque a linguagem não é atinada
Tanto perfume
tanto cachimbo
tanto charruto
tanto cigarro
Tudo na piscina
tão satisfeito
porque é bonita
tanto salto p'ra dentro
tanta filmagem
tanto apontamento
p'ra deixar lembrança



Maria do Céu Guerra dizendo poemas de
Malangatana

MULHER

Nas águas frescas do rio
vamos ter peixes imensos
que darão o sinal do
fim do mundo talvez
porque vão dar cabo da mulher
a mulher que embeleza os campos
a mulher que é o fruto do homem
Oh peixe voador, acaba com a rusga
porque a mulher é o ouro do homem
quando ela canta até parece
a viola do fadista bem afinada
quando ela morrer cortarei
o cabelo dela para livrar-me do pecado
O cabelo da mulher será o cobertor
do meu caixão, quando outro Artista
me chamar lá no Céu para me pintar
o seio da mulher será a minha almofada
o olho da mulher abrirá-me o caminho do Céu
a barriga da mulher vai me nascer lá em cima
quando subir aos Céus



QUANDO AS CRIANÇAS SONHAM

Quando sonham aos quatro anos
procuram contar sempre a história
dizendo que viram durante a noite
uma coisa assim
Pobre delas quando contam
até mete muita pena
principalmente quando não ligamos nada
durante o contar da história
Vão contando e contando
e quando por milagre lhes aparece
o sonho na realidade
gritam pela mãe
e indicam: o que eu vi é isto
Muitas vezes são cenas importantes
cenas que muito valem
e às vezes dizem indicando com o dedo
tu vieste cá ontem à noite
e sentaste-te aqui ou ali
Mas a mamã não te viu
tu tinhas lume na mão
tu comeste a minha mãe e bateste-me
saltaste e voaste
disseste p'ra não dizer à mamã
As crianças nunca mentem
dizem verdades sem saberem que é verdade

ÁFRICA GRITA AO LINDO HLONGO

Quem é que te fez negro
desde Cabo até aos Pirâmides?
Quem é que na noite escura gritou
um grito cujo eco fugiu pelo ar?
Quem é que rasgou a capulana
encarnada do templo negro?
Quem é que fez as lagoas de casas espectaculares?
Quem é que pariu o mulato sem pai?
Quem é que na rua à meia-noite
gritou sem grito?
Quem untou na cara do preto asfalto?
Quem é que na alta noite de feitiço
rasgou as portas da palhota do Xikwembu?
Quem é que partiu a cabeça de suruma?
Quem fumou o rapé sagrado do avô?
Quem untou de banha
a lata vazia
em que o feiticeiro guarda
os seus segredos?



João D'Ávila dizendo poemas de Malangatana

BAR DO PENGUIM

Tanto senhor
tanto cliente
tanta bandeja
que serve o senhor cliente
Tanta bebida
tanta sanduiche
tanto tabaco
tudo do senhor cliente
Tanto dinheiro
tanto saguate
tanto que pagar
tudo do senhor cliente
Tanta empregada
tanta beleza tem
tanto sorriso
que é p'ra o senhor cliente
Tanto pedido
tanto sinal à madrugada
tanta promessa
que é p'ra o senhor cliente





A Palhota Sagrada



FICHA TECNICA

COORDENAÇÃO: Dr. José A. Carvalho Teixeira
 REDACÇÃO: Dr. João Paulo Amaro • Dr. Carlos Lopes • Nuno Eduardo Pereira • Ulrica Oom
 COMPOSIÇÃO: Maria do Carmo Miranda
 IMPRESSÃO: Vicente - Artes Gráficas, Lda • Rua 13, nº 10, Apartado 5098 • 2830 Barreiro
 TIRAGEM: 3000 exemplares
 EDIÇÃO: ISPA • R. Jardim do Tabaco, 44 • 1100 Lisboa